

Clássicos da Literatura Brasileira

Auto de São Lourenço

Pe. José de Anchieta

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Auto de São Lourenço

Pe. José de Anchieta

Auto de São Lourenço

Pe. José de Anchieta

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editora

Êda Rocha

Leitura, Adaptação e Comentários

Lécio Cordeiro

Direção de arte

Elto Koltz

Diagramação

Adriana Ribeiro

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2016

Impresso no Brasil

C794a

Cordeiro, Lécio, 1984-

Auto de São Lourenço / Pe. José de Anchieta ;
leitura, adaptação e comentários Lécio Cordeiro ; ilustra-
ções Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de Ler, 2017.
112p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO INFANTOJUVENIL BRASILEIRO – PERNAMBU-
CO. I. Anchieta, José de, 1534-1597. II. Schloesser, Eduardo,
1962-. III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-2

CDD B869.2

PeR – BPE 17-18

ISBN: 978-85-8168-504-5

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Auto de São
Lourenço

Auto Representado na Festa de São Lourenço, na capela de mesmo nome em Niterói – RJ, em 1583.

José de Anchieta

PERSONAGENS

GUAIXARÁ — Rei dos diabos

AIMBIRÊ — Criado de Guaixará

SARAVAIA — Criado de Guaixará

TATAURANA — Companheiro dos diabos

URUBU — Companheiro dos diabos

JAGUARUÇU — Companheiro dos diabos

CABORÊ — Companheiro dos diabos

VALERIANO — Imperador romano

DÉCIO — Imperador romano

SÃO SEBASTIÃO — Padroeiro do Rio de Janeiro

SÃO LOURENÇO — Padroeiro da aldeia de São Lourenço

VELHA

ANJO

TEMOR DE DEUS

AMOR DE DEUS

CATIVOS E ACOMPANHANTES

Tema

Depois do martírio de São Lourenço, Guaixará pede aos seus criados Aimbirê e Saravaia para o ajudarem a perverter a aldeia. São Lourenço a defende enquanto São Sebastião aprisiona os demônios. Um anjo manda-os sufocarem Décio e Valeriano, imperadores romanos. Quatro companheiros se aproximam para auxiliar os demônios. Os imperadores recordam façanhas, quando Aimbirê chega.

O calor de Aimbirê abrasa os imperadores, que imploram pela morte. O Anjo, o Temor de Deus, e o Amor de Deus aconselham a caridade, o arrependimento de seus pecados e a confiança em São Lourenço.

Faz-se o enterro do santo. Meninos índios dançam.

Primeiro ato

Cena do martírio de São Lourenço.

Cantam:

Por Jesus, meu salvador,
Que morre por meus pecados,
Nestas brasas morro assado
Com fogo do seu amor.

Bom Jesus, quando te vejo
Na cruz, por mim flagelado¹,
Eu por ti vivo e queimado
Mil vezes morrer desejo.

Pois teu sangue redentor
Lavou minha culpa humana,
Arda eu pois nesta chama
Com fogo do teu amor.
O fogo do forte amor,
Ah, meu Deus!, com que me amas,
Mais me consome que as chamas
E brasas, com seu calor.

Pois teu amor, pelo meu
Tais prodígios² consumou,
Que eu, nas brasas onde estou,
Morro de amor pelo teu.

¹Torturado.

²Milagres.

Segundo ato

Chegam três diabos que querem destruir a aldeia com pecados. São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda resistem, livrando a aldeia e prendendo os demônios: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados.

GUAIXARÁ

Esta virtude estrangeira
Me irrita sobremaneira³.
Quem a teria trazido,
Com seus hábitos polidos
Estragando a terra inteira?

Só eu
Permaneço nesta aldeia
Como chefe guardião.
Minha lei é a inspiração
Que lhe dou, daqui vou longe
Visitar outro torrão⁴.

Quem é forte como eu?
Como eu, conceituado?
Sou diabo bem assado,
A fama me precedeu;
Guaixará sou chamado.

Meu sistema é o bem viver.
Que não seja constrangido
O prazer, nem abolido.
Quero as tabas⁵ acender
Com meu fogo preferido.

³ Muito, bastante.

⁴ Outra terra.

⁵ Aldeias indígenas.

Auto de São Lourenço

Boa medida é beber
Cauim⁶ até vomitar.
Isto é jeito de gozar
A vida, e se recomenda
A quem queira aproveitar.

A moçada beberrona
Trago bem conceituada.
Valente é o que se embriaga
E todo o cauim entorna,
E à luta então se consagra.

Que bom costume é bailar!
Adornar-se, andar pintado,
Tingir pernas, empenado
Fumar e curandeirar⁷,
Andar de negro pintado.

Andar matando de fúria,
Amancebar-se⁸, comer
Um ao outro, e ainda ser
Espião, prender tapuia⁹,
Desonesto a honra perder.

Para isso,
Com os índios convivi.
Vêm os tais padres agora,
Com regras fora de hora,
Pra que duvidem de mim.
Lei de Deus que não vigora.

⁶ Bebida feita pelos índios que se prepara com mandioca cozida e fermentada.

⁷ Prática de curandeiro que denota o uso de magias, rezas, etc., na cura de determinadas doenças.

⁸ Juntar-se, unir-se em casamento.

⁹ Indígena pertencente ao grupo dos tapuias.



SCHÖSSER

Pois aqui
Tem meu ajudante-mor,
Diabo bem requeimado,
Meu bom colaborador:
Grande Aimbirê, perversor
Dos homens, regimentado.

(Senta-se numa cadeira e vem uma velha chorar junto dele. E ele a ajuda, como fazem os índios. Depois de chorar, **achando-se** enganada, diz a velha:)

VELHA
Ó diabo mal cheiroso,
Teu mau cheiro me enfastia¹⁰.
Se vivesse o meu esposo,
Meu pobre Piracaê,
Isso agora eu lhe diria.

Não prestas, és mau diabo.
Que bebas, não deixarei
Do cauim que eu mastiguei.
Beberei tudo sozinha,
Até cair beberei.
(A velha foge.)

GUAIXARÁ
(Chama Aimbirê e diz:)
Ei, por onde andavas tu?
Dormias noutra lugar?

AIMBIRÊ
Fui as tabas vigiar,
Nas serras de norte a sul
Nosso povo visitar.

¹⁰ Entedia.

Ao me ver regozijaram,
Bebemos dias inteiros.
Adornaram-se festeiros.
Me abraçaram, me hospedaram,
Das leis de deuses estrangeiros.

Enfim, confraternizamos.
Ao ver seu comportamento,
Tranquelizei-me. Ó portento¹¹!
Vícios de todos os ramos
Têm seus corações por dentro.

GUAIXARÁ

Por isso
No teu grande reboiço
Eu confio, que me baste
Os novos que cativaste,
Os que corrompeste ao vício.
Diz os nomes que agregaste.

AIMBIRÊ

Gente de Maratuauã
No que eu disse acreditaram;
Os das ilhas, nestas mãos
Deram alma e coração;
Mais os paraibiguaras.

É certo que alguns perdi,
Que os missionários levaram
A Mangueá. Me irritaram.
Raivo de ver os tupis
Que do meu laço escaparam.

¹¹ Coisa ou acontecimento extraordinário; prodígio, maravilha, milagre.

Depois
Dos muitos que nos ficaram
Os padres sonsos quiseram
Com mentiras seduzir.
Não vê que os deixei seguir —
Ao meu apelo atenderam.

GUAIXARÁ
De que recursos usaste
Para que não nos fugissem?

AIMBIRÊ
Trouxe aos tapuias os trastes
Das velhas que tu instruístes
Em Mangueá. Que isto baste.

Que elas são de fato más,
Fazem feitiço e mandinga¹²,
E esta lei de Deus não vinga.
Conosco é que buscam a paz,
No ensino de nossa língua.

E os tapuias por folgarem,
Nem quiseram vir aqui.
De dança os enlouqueci
Para a passagem comprarem
Para o inferno que acendi.

GUAIXARÁ
Já chega.
Que tua fala me alegre,
Teu relatório me encanta.

AIMBIRÊ
Usarei de igual destreza¹³
Para arrastar outras presas
Nesta guerra pouco santa.

¹² Bruxaria, sortilégio.

¹³ Aptidão, habilidade, engenho.

O povo Tupinambá
Que em Paraguaçu morava,
E que de Deus se afastava,
Deles hoje um só não há,
Todos a nós se entregaram.

Tomamos Moçupiroca,
Jequeí, Gualapitiba,
Niterói e Paraíba,
Guajajó, Carijó-oca,
Pacucaia, Araçatiba.

Todos os tamoios foram
Jazer¹⁴ queimando no inferno.
Mas há alguns que ao Padre Eterno
Fiéis, nesta aldeia moram,
Livres do nosso caderno.

Estes maus temiminós¹⁵
Nosso trabalho destroem.

GUAIXARÁ
Vem tentá-los que se moem
A blasfemar contra nós.
Que bebam, roubem e esfolem.
Que provoquem muitas lutas,
Muitos pecados cometam,
Por outros lados se metam
Longe dessa aldeia, à escuta
Dos que as nossas leis prometam.

AIMBIRÊ
É bem difícil tentá-los.
Seu valente guardião
Me amedronta.

¹⁴ Estar sepultado, morto.

¹⁵ Tribo de língua tupi que habitava o litoral do Sudeste no século XVI.

Auto de São Lourenço

GUAIXARÁ

E quais são?

AIMBIRÊ

É São Lourenço a guiá-los,
De Deus fiel Capitão.

GUAIXARÁ

Qual? Lourenço, o consumado
Nas chamas, qual somos nós?

AIMBIRÊ

Esse.

GUAIXARÁ

Fica descansado.
Não sou assim tão covarde,
Será logo afugentado¹⁶.

Aqui está quem o queimou
E ainda vivo o cozeu.

AIMBIRÊ

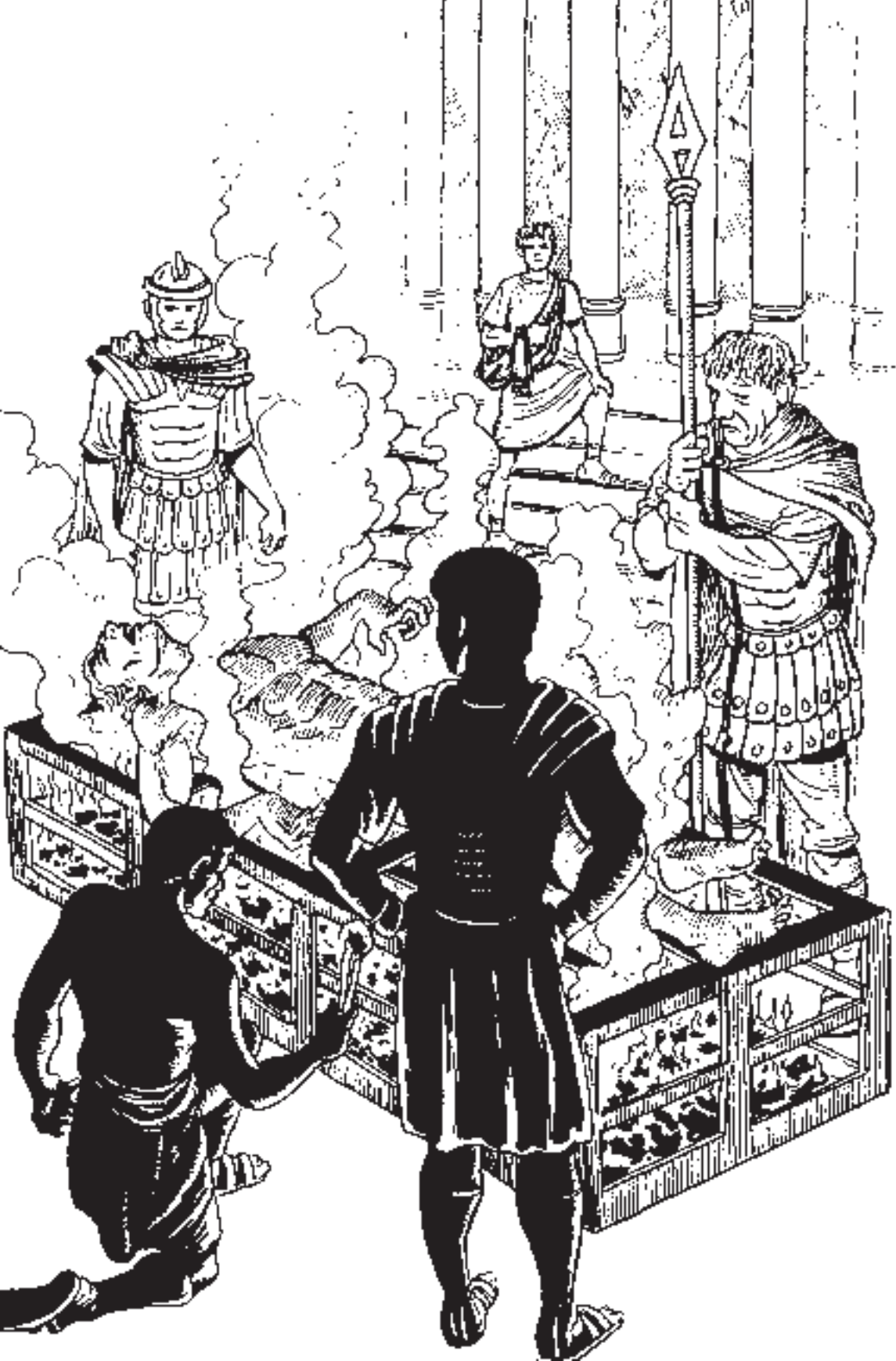
Por isso o que era teu
Ele agora libertou
E na morte te venceu.
Há também o seu amigo
Bastião, de flechas crivado.

GUAIXARÁ

O que eu deixei transpassado?
Não faças broma¹⁷ comigo,
Que sou bem desaforado.
Ambos fugirão logo
Aqui me virem chegar.

¹⁶ Expulso.

¹⁷ Piada, gracejo, troça.



AIMBIRÊ

Olha que vais te enganar!

GUAIXARÁ

Tem confiança, te rogo,
Que horror lhes vou inspirar.

Quem como eu nas terras existe
Que até Deus desafiou?

AIMBIRÊ

Por isso Deus te expulsou,
E do inferno o fogo triste
Para sempre te abrasou.

Eu me lembro de outra batalha
Em que Guaixará entrou.
Muito povo te apoiou,
E, ainda que lhes desses forças,
Na fuga se debandou.

Não eram muitos cristãos.
Contudo, nada ficou
Da força que te inspirou,
Pois veio Sebastião,
Na força fogo ateou.

GUAIXARÁ

Por certo aqueles cristãos
Tão rebeldes não seriam.
Mas esses que aqui estão
Desprezam a devoção
E a Deus não reverenciam.

Vais ver como em nossos laços
Caem logo estes malvados!
De nossos dons confiados,

As almas cederam passo
Para andar do nosso lado.

AIMBIRÊ

Assim mesmo tentarei.
Um dia obedecerão.

GUAIXARÁ

Ao sinal de minha mão,
Os índios te entregarei.
E à força sucumbirão.

AIMBIRÊ

Preparemos a emboscada.
Não te afobes¹⁸. Nosso espia¹⁹
Verá em cada morada
Que armas nos são preparadas
Na luta que se inicia.

GUAIXARÁ

Muito bem,
És capaz disso
Saravaia, meu vigia?

SARAVAIA

Sou demônio da alegria
E assumi tal compromisso.
Vou longe nesta porfia²⁰.
Saravaiaçu me chamo.
Com que tarefa me convocas?

GUAIXARÁ

Ouve as ordens de teu amo,
Quero que espies as casas
E voltes quando te chame.

¹⁸ Entrar em estado de perturbação, atrapalhar-se.

¹⁹ Espião, vigia.

²⁰ Discussão, disputa, polêmica.

Hoje vou deixar que leves
Os índios aprisionados.

SARAVAIA

Irei aonde me carregues.
E agradeço que me entregues
Encargo²¹ tão desejado.

Como Saravaia sou,
Aos índios que me aliei
Enfim aprisionarei.
E neste barco me vou.
De cauim me embriagarei.

GUAIXARÁ

Anda logo! Vai ligeiro!

SARAVAIA

Como um raio correrei!
(Sai)

GUAIXARÁ

(Passeia com Aimbirê e diz:)
Demos um curto passeio.
Quando volte o mensageiro
A aldeia destroçarei.
(Volta Saravaia e Aimbirê diz:)

AIMBIRÊ

Danado! Voltou voando!

GUAIXARÁ

Demorou menos que um raio!
Foste mesmo, Saravaia?

²¹ Incumbência, compromisso.

SARAVAIA

Fui. Já estão comemorando
Os índios nossa vitória.

Alegra-te!

Transbordava o cauim,
O prazer regurgitava²².
E a beber, as igaçabas²³
Esgotaram até o fim.

GUAIXARÁ

E era forte?

SARAVAIA

Forte estava.
E os rapazes beberrões
Que pervertem esta aldeia,
Caíam de cara cheia.
Velhos, velhas, mocetões²⁴
Que o cauim desnorteia.

GUAIXARÁ

Já basta. Vamos mansinho
Tomá-los todos de assalto.
Nosso fogo arda bem alto.

(Vem São Lourenço com dois companheiros. Diz Aimbirê:)

AIMBIRÊ

Há um sujeito no caminho
Que me ameaça de assalto.
Será Lourenço, o queimado?

²² Transbordava.

²³ Espécie de pote de barro ou talha grande.

²⁴ Rapagões.

SARAVAIÁ

Ele mesmo, e Sebastião.

AIMBIRÊ

E o outro, dos três que são?

SARAVAIÁ

Talvez seja o anjo mandado,
Desta aldeia o guardião.

AIMBIRÊ

Ai! Eles me esmagarão!
Não posso sequer olhá-los.

GUAIXARÁ

Não te entregues assim não,
Ao ataque, meu irmão!

Teremos que amedrontá-los,
As flechas evitaremos,
Fingiremos de atingidos.

AIMBIRÊ

Olha, eles vêm decididos
A açoitar-nos. Que faremos?
Penso que estamos perdidos.

(São Lourenço fala a Guaixará:)

SÃO LOURENÇO

Quem és tu?

GUAIXARÁ

Sou Guaixará embriagado,
Sou boicininga²⁵, jaguar,
Antropófago, agressor,

²⁵ Cascavel: cobra venenosa.

Andirá-guaçu²⁶ alado,
Sou demônio matador.

SÃO LOURENÇO
E este aqui?

AIMBIRÊ
Sou **jiboia**, sou socó²⁷,
O grande Aimbirê tamoio.
Sucuri, gavião malhado,
Sou tamanduá desgrenhado,
Sou luminoso demônio.

SÃO LOURENÇO
Dizei-me o que quereis desta
Minha terra em que nos vemos.

GUAIXARÁ
Amando os índios queremos
Que obediência nos prestem
Por tanto que lhes fazemos.
Pois se as coisas são da gente,
Ama-se sinceramente.

SÃO SEBASTIÃO
Quem foi que insensatamente,
Um dia ou presentemente
Os índios vos entregou?
Se o próprio Deus tão potente
Deste povo em santo ofício
Corpo e alma modelou!

GUAIXARÁ
Deus? Talvez remotamente
Pois é nada edificante

²⁶ Morcego de grande porte.

²⁷ Espécie de ave.

A vida que resultou.
São pecadores perfeitos,
Repelem o amor de Deus,
E orgulham-se dos defeitos.

AIMBIRÊ

Bebem cauim a seu jeito,
Como completos sandeus²⁸
Ao cauim rendem seu preto²⁹.

Esse cauim é que impede
Sua graça espiritual.
Perdidos no bacanal
Seus espíritos se encolhem
Em nosso laço fatal.

SÃO LOURENÇO

Não se esforçam por orar
Na luta do **dia a dia**.
Isto é fraqueza, decerto.

AIMBIRÊ

Sua boca respira perto
Do pouco que em Deus confia.

SARAVAIA

É verdade, intimamente
Resmungam desafiando
Ao Deus que os está guiando.
Dizem: “Será realmente
Capaz de me ver passando?”

SÃO SEBASTIÃO

(Para Saravaia:)
Serás tu um pobre rato?

²⁸ Indivíduos que dizem sandices, coisas sem nexos, loucuras.

²⁹ Manifestação de veneração, de respeito; homenagem.

Ou és um gambá nojento?
Ou és a noite de fato
Que as galinhas afugenta
E assusta os índios no mato?

SARAVAIA
No anseio de devorar
As almas, sequer dormi.

GUAIXARÁ
Cala-te! Fale eu por ti.

SARAVAIA
Não vás me denominar,
Pra que não me mate aqui.

Esconda-me, antes, dele.
Eu por ti vigiarei.

GUAIXARÁ
Cala-te! Te guardarei!
Que a língua não te revele,
Depois te libertarei.

SARAVAIA
Se não me viu, safarei³⁰.
Inda posso me esconder.

SÃO SEBASTIÃO
Cuidado que lançarei
O dardo em que o flecharei.

GUAIXARÁ
Deixa-o. Vem de adormecer.

³⁰ Fugirei.

SÃO SEBASTIÃO

À noite ele não dormiu
Para os índios perturbar.

SARAVAIA

Isso não se há de negar.

(Açoita-o Guaixará e diz:)

GUAIXARÁ

Cala-te! Nem mais um pio,
Que ele quer te devorar.

SARAVAIA

Ai de mim!
Por que me bates assim,
Pois estou bem escondido?

(Aimbirê com São Sebastião.)

AIMBIRÊ

Vamos! Deixa-nos a sós,
E retirai-vos que a nós
Meu povo espera afligido.

SÃO SEBASTIÃO

Que povo?

AIMBIRÊ

Todos os que aqui habitam
Desde épocas mais antigas,
Velhos, moças, raparigas,
Submissos aos que lhes ditam
Nossas palavras amigas.
Vou contar todos seus vícios,
Em mim acreditarás?

SÃO SEBASTIÃO

Tu não me convencerás.

AIMBIRÊ

Têm bebida aos desperdícios,
Cauim não lhes faltará.
De ébrios³¹, dão-se ao malefício,
Ferem-se, brigam, sei lá!

SÃO SEBASTIÃO

Ouvem do morubixaba³²
Censuras em cada taba,
Disso não os livrarás.

AIMBIRÊ

Censura aos índios? Conversa!
Vem logo o dono da farra,
Convida todos à festa,
Velhos, jovens, moças
Com morubixaba à testa.

Os jovens que censuravam
Com morubixabas dançam,
E de comer não se cansam,
E no cauim se lavam,
E sobre as moças avançam.

SÃO SEBASTIÃO

Por isso aos aracajás
Vivem vocês **frequentando**,
E a todos aprisionando.

AIMBIRÊ

Conosco vivem em paz,
Pois se entregam aos desmandos.

³¹ Pessoa que está com a mente ou os sentidos perturbados; embriagado.

³² O chefe temporal dos indígenas.

Auto de São Lourenço

SÃO SEBASTIÃO

Uns aos outros se pervertem
Convosco colaborando.

AIMBIRÊ

Não sei. Vamos trabalhando,
E aos vícios bem se convertem
À força do nosso mando.

GUAIXARÁ

Eu que te ajude a explicar.
As velhas, como serpentes,
Injuriam-se entre dentes,
Maldizendo sem cessar.
As que mais calam consentem.

Pecam as **inconsequentes**
Com intrigas bem tecidas,
Preparam negras bebidas
Pra serem belas e ardentes
No amor na cama e na vida.

AIMBIRÊ

E os rapazes cobiçosos,
Perseguindo o mulhero
Para escravas do gentio...
Assim invadem fogosos
Dos brancos o casario.

GUAIXARÁ

Esta história não termina
Antes que desponte a lua,
E a taba se contamina.

AIMBIRÊ

E nem sequer raciocinam
Que é o inferno que cultuam.



SÃO LOURENÇO

Mas existe a confissão,
Bom remédio para a cura.
Na comunhão se depura³³
Da mais funda perdição
A alma que o bem procura.

Se depois de arrependidos
Os índios vão confessar
Dizendo: “Quero trilhar
O caminho dos remidos³⁴”.
— o padre os vai abençoar.

GUAIXARÁ

Como se nenhum pecado
Tivessem, fazem a falsa
Confissão, e se disfarçam
Dos vícios abençoados,
E assim viciados passam.

AIMBIRÊ

Absolvidos
Dizem: “na hora da morte
Meus vícios renegarei”.
E entregam-se à sua sorte.

GUAIXARÁ

Ouviste que enumerei
os males são seu forte.

SÃO LOURENÇO

Se com ódio procurais
Tanto assim prejudicá-los,
Não vou eu abandoná-los.
E a Deus erguerei meus ais

³³ Se purifica.

³⁴ Perdoados.

Para no transe ampará-los.
Tanto confiaram em mim
Construindo esta capela,
Plantando o bem sobre ela.
Não os deixarei assim
Sucumbir sem mais aquela.

GUAIXARÁ

É inútil, desista disso!
Por mais força que lhes dê,
Com o vento, num dois, três,
Daqui lhes darei sumiço.
Deles nem sombra vereis.

Aimbirê

Vamos conservar a terra
Com chifres, unhas, tridentes,
E alegrar as nossas gentes.

AIMBIRÊ

Aqui vou com minhas garras,
Meus longos dedos, meus dentes.

ANJO

Não julgueis, tolos dementes,
Pôr no fogo esta legião.
Aqui estou com Sebastião
E São Lourenço, não tentem
Levá-los à danação³⁵.

Pobres de vós que irritastes
De tal forma o bom Jesus.
Juro que em nome da cruz
Ao fogo vos condenastes.

³⁵ Condenação às penas do inferno.

(Aos santos.)

Prendei-os, donos da luz!

(Os santos prendem os dois diabos.)

GUAIXARÁ

Basta!

SÃO LOURENÇO

Não! Teu cinismo me agasta³⁶.

Destes provas que sobejam³⁷

De querer destruir a igreja.

SÃO SEBASTIÃO

(A Aimbirê:)

Grita! Lamenta! Te arrasta!

Te prendi!

AIMBIRÊ

Maldito seja!

(Preso os dois, fala o anjo a Saravaia, que ficou escondido.)

ANJO

E tu que está escondido

Serás acaso um morcego?

Sapo-cururu minguá,

Ou filhote de gambá,

Ou bruxa pedindo arrego?

Sai daí seu fedorento,

Abelha de asa de vento,

³⁶ Aborrece, irrita.

³⁷ Que sobram.

Zorrilho³⁸, maritacaca³⁹,
Seu lesma, tamarutaca⁴⁰.

SARAVAIA

Ai vida, que me aprisionam!
Não vês que morro de sono?

ANJO

Quem és tu?

SARAVAIA

Sou Saravaia,
Inimigo dos franceses.

ANJO

Teus títulos são só estes?

SARAVAIA

Sou também mestre em tocaia,
Porco entre todas as reses⁴¹.

ANJO

Por isso és sujo e enlameias
Tudo com teu negro rabo.
Veremos como pateias⁴²
No fogo que a gente ateia.

SARAVAIA

Não! Por todos os diabos!
Eu te dou ovas de peixe,
Farinha de mandioca,

³⁸ Espécie de mamífero carnívoro.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Designação comum aos crustáceos marinhos.

⁴¹ Quaisquer animais quadrúpedes que se abate para a alimentação do homem.

⁴² “Veremos como bates com os pés no chão”.

Desde que agora me deixas,
Te dou dinheiro aos feixes.

ANJO

Não te entendo, maçaroca⁴³.
As coisas que me prometes
Em troca, de onde roubaste?
Que morada assaltaste
Antes que aqui te escondeste?
Muita coisa tu furtaste?

SARAVAIA

Não, somente o que falei.
Da casa dos bons cristãos
Foi bem pouco o que apanhei;
Tenho o que trago nas mãos,
Por muito que trabalhei.
Aqueles outros têm mais.
Para comprar cauim
Aos índios, em boa paz,
Dei o que tinha, e demais,
Pois pobre acabei assim.

ANJO

Vamos! Restitui-lhes tudo
O que tiveres roubado.

SARAVAIA

Não faças isto, estou bêbado,
Mais do que o demo rabudo
Da sogra do meu cunhado.

Tem paciência, me perdoa,
Meu irmão, estou doente.
Das minhas almas presente

⁴³ Variedade de suçuarana, com cauda de ponta bem mais peluda que o restante.

Farei a ti, pra que em boa
Hora as cucas lhes rebentes.

Leva o nome destes monstros
E famoso ficarás.

ANJO
E onde lhes foste ao encontro?

SARAVAIA
Fui pelo sertão a dentro,
Lacei as almas, rapaz.

ANJO
De que famílias descendem?

SARAVAIA
Desse assunto pouco sei.
Filhos de índios talvez.
Na corda os enfileirei
Presos todos de uma vez.

Passei noites sem dormir,
Nos seus lares espreitei,
Fiz suas casas explodir,
Suas mulheres lacei,
Pra que não possam fugir.

(Amarra-o o anjo e diz:)

ANJO
Quantas maldades fizeste!
Por isso o fogo te espera.
Viverás do que tramaste
Nesta abrasada tapera⁴⁴
Em que pro fim te pilhaste.

⁴⁴ Aldeamento ou povoação abandonada.

Auto de São Lourenço

SARAVAIA

Aimbirê!

AIMBIRÊ

Oi!

SARAVAIA

Vem logo dar-me a mão!

Este louco me prendeu.

AIMBIRÊ

A mim também me venceu

O flechado Sebastião.

Meu orgulho arrefeceu⁴⁵.

SARAVAIA

Ai de mim!

Guaixará, dormes assim,

Sem pensar em me salvar?

GUAIXARÁ

Estás louco, Saravaia

Não vês que Lourenço ensaia

Maneira de me queimar?

ANJO

Bem juntos, pois sois comparsas,

Ardereis eternamente.

Enquanto nós, Deo Gratias!,

Sob a luz da minha guarda

Viveremos santamente.

(Faz uma prática⁴⁶ aos ouvintes)

Alegrai-vos, filhos meus,

Na santa graça de Deus,

⁴⁵ Tornou-se brando, fraco.

⁴⁶ Palestra, conferência.



Pois que dos céus eu desci,
Para junto a vós estar
E sempre vos amparar
Dos males que há por aqui.
Iluminando esta aldeia
Junto de vós estarei,
Por nada me afastarei —
Pois a isto me nomeia
Deus, Nosso Senhor e Rei!

Ele que a cada um de vós
Um anjo seu destinou.
Que não vos deixe mais sós,
E ao mando de sua voz
Os demônios expulsou.

Também
São Lourenço, o virtuoso,
Servo de Nosso Senhor,
Vos livra com muito amor
Terras e almas, extremoso⁴⁷,
Do demônio enganador.

Também São Sebastião
Valente santo soldado,
Que aos tamoios rebelados
Deu outrora uma lição
Hoje está do vosso lado.

E mais — Paranapucu,
Jacutinga, Morói,
Sarigueia, Guiriri,
Pindoba, Pariguaçu,
Curuça, Miapéi

⁴⁷ Capaz de praticar atos extremos por alguém.

E a tapera do pecado,
A de Jabebiracica,
Não existe. E lado a lado
A nação dos derrotados
No fundo do rio fica.

Os franceses, seus amigos,
Inutilmente trouxeram
Armas. Por nós combateram
Lourenço, jamais vencido,
E São Sebastião flecheiro.

Estes santos, em verdade,
Das almas se compadecem
Amparando-as, desvanecem
(Ó almas da caridade!)
Do vício que as envilece⁴⁸.

Quando o demônio ameaçar
Vossas almas, vós vereis
Com que força hão de zelar.
Santos e índios sereis
Pessoas de um mesmo lar.

Tentai
Velhos vícios extirpar,
E as maldades cá da terra
Evitai, bebida e guerra,
Adultério, repudiai
Tudo o que o instinto encerra.

Amai vosso Criador
Cuja lei pura e isenta
São Lourenço representa.
Engrandecei ao Senhor
Que de bens vos acrescenta.

⁴⁸ Desonra, avilta.

Este mesmo São Lourenço
Que aqui foi queimado vivo
Pelos maus, feito cativo,
E ao martírio foi infenso,
Sendo o feliz ressuscitado.

Fazei-vos amar por ele,
E amai-o quanto puderdes,
Que em sua lei nada se perde.
E confiando mais nele,
Mais o céu se vos concede.

Vinde
À direita celestial
De Deus Pai, ireis gozar
Junto aos que bem vão guardar
No coração que é leal,
E aos pés de Deus repousar.

(Fala com os santos convidando-os a cantar e se despede.)

Cantemos todos, cantemos!
Que foi derrotado o mal!
Esta história celebremos,
Nosso reino inauguremos
Nessa alegria campal!

(Os santos levam presos os diabos, os quais, na última repetição da cantiga, choram.)

CANTIGA
Alegrem-se os nossos filhos
Por Deus os ter libertado.
Guaixará seja queimado,
Aimbirê vá para o exílio,
Saravaia condenado!

Guaixará seja queimado,
Aimbirê vá para o exílio,
Saravaia condenado!

(Voltam os santos.)

Alegrai-vos, vivei bem,
Vitoriosos do vício,
Aceitai o sacrifício
Que ao amor de Deus convém.
Daí fuga ao Demo-ninguém!

Guaixará seja queimado,
Aimbirê vá para o exílio,
Saravaia condenado!

Terceiro ato

Depois de São Lourenço morto na grelha⁴⁹, o anjo fica em sua guarda e chama os dois diabos, Aimbirê e Saravaia, que venham sufocar os imperadores Décio e Valeriano, que estão sentados em seus tronos.

ANJO

Aimbirê!

Estou chamando você.

Apressa-te! Corre! Já!

AIMBIRÊ

Aqui estou! Pronto! O que há?

Será que vai me prender

De novo este passarão?

ANJO

Reservei-te uma surpresa:

Tenho dois imperadores

Para dar-te como presa.

De Lourenço, em chama acesa,

Foram eles os matadores.

AIMBIRÊ

Boa! Me fazes contente!

À força os castigarei,

E no fogo os queimarei

Como diabo eficiente.

Meu ódio satisfarei.

ANJO

Eia, depressa a afogá-los.

Que para o sol sejam cegos!

Ide ao fogo cozinhá-los.

⁴⁹ Antigo instrumento de suplício.

Castiga com teus vassallos
Estes dois sujos morcegos.

AIMBIRÊ

Pronto! Pronto!
Sejam tais ordens cumpridas!
Reunirei meus demônios.
Saravaia, deixa os sonhos,
Traz-me de boa bebida
Que temos planos medonhos!

SARAVAIA

Já de nego me pinteí,
Ó meu avô jaguaruna,
E o cauim preparei,
Verás como beberei
Nesta festa da fortuna.

Que vejo? Um temiminó⁵⁰?
Ou filho de guaianá?
Será esse um guaitacá⁵¹
Que à mesa do jacaré
Sozinho vou devorar?

(Vê o anjo e espanta-se.)

E este pássaro azulão,
Quem será que assim me encara?
Algum parente de arara?

AIMBIRÊ

É o anjo que em nossa mão
Põe duas presas bem raras.

⁵⁰ Pertencente à tribo dos Temiminós.

⁵¹ Grupo indígena que habitava entre os rios Paraíba do Sul e Macaé, no século XVI.

SARAVAIA

Meus capangas, atenção!
Tataurana, Tamanduá,
Vamos com calma por lá,
Que esses monstros quererão
Por certo me afogar.

AIMBIRÊ

Vamos!

SARAVAIA

Ai, os mosquitos me mordem!
Espera, ou me comerão!
Tenho medo. Quem me acode?
Sou pequenino e eles podem
Tragar-me de supetão.

AIMBIRÊ

Os índios que não se fiam
Nesta conversa e se escondem
Se os mandam executar.

SARAVAIA

Têm razão se desconfiam,
Vivem sempre a se enganar.

AIMBIRÊ

Cala a boca, beberrão,
Só por isso és tão valente,
Moleirão⁵² impertinente!

SARAVAIA

Ai de mim, me prenderão,
Mas vou por te ver contente.
E a quem vamos devorar?

⁵² O mesmo que molengão; preguiçoso; negligente.

AIMBIRÊ

A algozes⁵³ de São Lourenço.

SARAVAIA

Aqueles cheios de ranço?
Com isto eu vou mudar
Meu nome, de que me canso.

Muito bem! Suas entranhas
Sejam hoje o meu quinhão⁵⁴.

AIMBIRÊ

Vou morder seu coração.

SARAVAIA

E os que não nos acompanham
Sua parte comerão.

(Chama quatro companheiros para que os ajudem.)

Tataurana,
traze a tua muçurana⁵⁵.
Urubu, Jaguaruçu,
Traz a ingapema⁵⁶. Sus⁵⁷
Caborê, vê se te inflamas
Pra comer estes perus.

(Acodem todos os quatro com suas armas.)

TATAURANA

Aqui estou com a muçurana
E os braços lhe comerei.
A Jaguaruçu darei

⁵³ Indivíduos cruéis, de maus instintos; atormentadores, assassinos.

⁵⁴ Parte que cabe a cada pessoa na divisão de um todo.

⁵⁵ Corda usada por indígenas para amarrar seus prisioneiros.

⁵⁶ Tipo de arma usada pelos algozes para matar suas vítimas.

⁵⁷ Expressão para infundir ânimo; eia, coragem.

O lombo, a Urubu o crânio,
E as pernas a Caborê.

URUBU

Aqui cheguei!
As tripas recolherei,
E com os bofes terei
A panela a derramar.
E esta panela verei
Minha sogra cozinhar.

JAGUARUÇU

Com esta ingapema dura
As cabeças quebrarei,
E os miolos comerei.
Sou guará, onça, criatura,
E antropófago serei.

CABORÊ

E eu que em demandas andei
Aos franceses derrotando,
Para um bom nome ir logrando,
Agora contigo irei
Estes chefes devorando.

SARAVAIA

Agora quietos! De rastros,
Não nos viram. Vou à frente.
Que não escapem da gente.
Vigiarei. No tempo exato
Ataquemos de repente.

(Vão todos agachados em direção a Décio e Valeriano, que conversam.)

DÉCIO

Amigo Valeriano,

Minha vontade venceu.
Não houve arte no céu
Que livrasse do meu plano
O servo do Galileu.
Nem Pompeu⁵⁸ e nem Catão⁵⁹
Nem César⁶⁰, nem o Africano⁶¹,
Nenhum grego nem troiano
Puderam dar conclusão
A um feito tão soberano.

VALERIANO

O remate, grão-Senhor
Desta tão grande façanha
Foi mais que vencer Espanha.
Jamais rei ou imperador
Logrou coisa tão estranha.

Mas, Senhor, esse quem é
Que vejo ali, tão armado
Com espadas e cordel,
E com gente de tropel⁶²
Vindo tão acompanhado?

DÉCIO

É o grande deus nosso amigo,
Júpiter⁶³, sumo senhor,
Que provou grande sabor
Com o tremendo castigo
Da morte deste traidor.

⁵⁸ Imperador romano.

⁵⁹ Político romano.

⁶⁰ Imperador romano.

⁶¹ Cipião Africano, general romano.

⁶² Grande número de pessoas movendo-se desordenadamente.

⁶³ Deus romano do dia.

E quer, para reforçar
As penas deste rufião⁶⁴,
Nosso império acrescentar
Com sua potente mão,
Pela terra e pelo mar.

VALERIANO

Mais me parece é que vem
A seus tormentos vingar,
E a nós ambos enforçar.
Oh! que cara feia tem!
Começo a me apavorar.

DÉCIO

Enforçar?
Quem a mim pode matar,
Ou mover meus fundamentos?
Nem a exaltação dos ventos,
Nem a braveza do mar,
Nem todos os elementos!

Não temas, que meu poder,
O que os deuses imortais
Me quiseram conceder,
Não se poderá vencer
Pois não há forças iguais.

De meu cetro imperial
Pendem reis, tremem tiranos.
Venço a todos os humanos,
E posso ser quase igual
A esses deuses soberanos.

VALERIANO

Oh, que terrível figura!
Não posso mais aguardar,

⁶⁴ Brigão.



SCHLOSSER

Que já me sinto queimar!
Vamos, que é grande loucura
Tal encontro aqui esperar.

Ai! Ai! Que grandes calores!
Não tenho nenhum sossego.

DÉCIO

Ai, que poderosas dores!
Ai, que férvidos ardores,
Que me abrasam como fogo!
Oh, paixão!
Ai de mim, que é o Plutão⁶⁵
Chegando pelo Aqueronte⁶⁶,
Ardendo como tição
A levar-nos de roldão⁶⁷
Ao fogo do Flegetonte⁶⁸.

Oh, coitado
Que me queimo! Esse queimado
Me queima com grande dor!
Oh, infeliz imperador!
Todo me vejo cercado
De penas e de pavor,

Pois armado
O diabo com seu dardo,
Mais as fúrias infernais,
Vem castigar-nos demais.
Já nem sei o que hei falado
Com angústias tão mortais.

⁶⁵ Na mitologia grega, deus do mundo subterrâneo.

⁶⁶ Na mitologia grega, um dos rios do inferno, atravessado pelos mortos na embarcação conduzida pelo barqueiro Caronte.

⁶⁷ Lançamento com força, para longe; precipitação, arremessão.

⁶⁸ Um dos rios do inferno.

VALERIANO

Ó Décio, cruel tirano!
Já pagas, e pagará
Contigo Valeriano,
Porque Lourenço cristão
Assado nos assará.

AIMBIRÊ

Ó castelhano!
Bom castelhano parece!
Estou bem alegre, mano,
Que espanhol⁶⁹ seja o profano
Que no meu fogo padece.

Vou fingir-me castelhano
E usar de diplomacia
Com Décio e Valeriano,
Porque o espanhol ufano⁷⁰
Sempre guarda cortesia.

Oh, mais alta majestade!
Beijo-vos a mão mil vezes,
Por vossa grã-crueldade
Pois justiça nem verdade
Guardastes, sendo juízes.

Sou mandado
Por São Lourenço queimado,
Levá-los à minha casa,
Onde seja confirmado
Vosso imperial estado
Em fogo, que sempre abrasa.

Oh, que tronos e que camas
Eu vos tenho preparadas,
Nessas escuras moradas

⁶⁹ Referência a São Lourenço.

⁷⁰ Que se jacta de altos méritos e conquistas; fanfarrão.

De vivas e eternas chamas
De nunca ser apagadas!

VALERIANO

Ai de mim!

AIMBIRÊ

Vieste do Paraguai?
Que falais, em Carijó?
Sei todas línguas de cor.
Avança aqui, Saravaia!
Usa teu golpe maior!

VALERIANO

Basta! Que assim me assassinas,
Não tenho pecado nada!
Meu chefe é a presa acertada.

SARAVAIA

Não, és tu que me fascinas,
Ó presa bem cobiçada.

DÉCIO

Ó miserável de mim,
Que nem basta ser tirano,
Nem falar em castelhano!
Que é do mando em que me vi,
E o meu poder soberano?

AIMBIRÊ

Jesus, Deus grande e potente,
Que tu, traidor, perseguiste,
Te dará sorte mais triste
Entregando-te em meu dente,
A que, malvado, serviste.

Pois me honraste,
E sempre me contentaste
Ofendendo ao Deus eterno.
É justo pois que no inferno,
Palácio que tanto amaste,
Não sintas o mal do inverno.

Porque o ódio inveterado
Do teu duro coração
Não pode ser abrandado,
Se não for já martelado
Com a água do Flegetonte.

DÉCIO
Olha que consolação
Para quem se está queimando!
Supremos deuses, para quando
Adiais minha salvação,
Que vivo estou me abrasando?

Ai, ai! Que mortal desmaio!
Esculápio⁷¹, não me acodes?
Oh, Júpiter, porque dormes?
Que é do vosso ardente raio?
Por que é que não me socorres?

AIMBIRÊ
Que dizeis?
De que mal vós padeceis?
Que pulso mais alterado.
É grande dor de costado
Este mal, de que morreis!
Haveis de ser bem sangrado!

⁷¹ Deus da medicina e da cura na mitologia greco-romana.

Há dias que esta sangria
Se guardava para vós
Que sangráveis, noite e dia,
Com dedicada porfia
Aos santos servos de Deus.

Muito desejo eu beber
Vosso sangue imperial.

Oh, não me leveis a mal
Que com isso quero ser
Homem de sangue real.

DÉCIO
Que dizeis? Que disparate,
E elegante desvario!
Joguem-me dentro de um rio
Antes que o fogo me mate,
Ó deuses em que confio!

Não quereis
Socorrer-me, ou não podeis?
Ó malditos enganosos,
Ingratos desconhecidos,
Que pouco vos condoeis
De quem fostes tão servidos!

Se agora voar pudesse,
Vos iria derrocar
Dos vossos tronos celestes,
Feliz, se a mim me coubesse
No fogo vos projetar.

AIMBIRÊ
Parece-me que é chegada
A hora do frenesi,
E com chama redobrada,



SCHLESSE

A qual será descuidada
Dos deuses a quem servis.

São armas
Dos audazes cavaleiros
Que usam palavrório humano.
E por isso, tão ufano,
Hoje vindes acolhê-los
No romance castelhano.

SARAVAIÁ

Assim é.
Pensava dar, de revés,
Golpes de afiados aços,
Mas enfim, nossos balaços
Se chocaram através
Com bem poucos canhões⁷².

Mas que boas bofetadas
Lhes reservo para dar!
Os tristes, sem descansar,
À força de tais pauladas
Com cães hão de ladrar.

VALERIANO

Que ferida!
Tira-me logo esta vida
Pois, minha alta condição,
Contra justiça e razão
Veio a ser tão abatida
Que morro como ladrão!

SARAVAIÁ

Não é outro o galardão⁷³
Que concedo aos meus criados,
Senão morrer enforcados,

⁷² Chutes violentos.

⁷³ Recompensa por serviços valiosos.

E depois, sem remissão,
Ao fogo ser condenados!

DÉCIO

Essa é a pena redobrada
Que me causa maior dor:
Que eu, universal senhor,
Morra morte desonrada
Na forca como traidor.

Ainda se fosse lutando,
Dando golpes e reveses,
Pernas e braços cortando,
Como fiz com os franceses,
Acabaria triunfando.

AIMBIRÊ

Parece que estais lembrando,
Poderoso imperador,
Quando, com bravo furor,
Mataste, traição armando,
Felipe, vosso senhor.

Por certo que me alegrais
E se cumpre meus anseios
Ante desabafos tais,
Porque o fogo em que queimais
Provoca tais devaneios.

DÉCIO

Bem entendo
Que este fogo em que me acendo
Merece-me a tirania,
Pois com tão feroz porfia
Aos cristãos martirizando
Pelo fogo os consumia.
Mas que em minha monarquia

Acabe com tal pregão,
Pois morrer como ladrão
É muito triste agonia
E dobrada confusão.

AIMBIRÊ

Como? Pedis confissão?
Sem asas quereis voar?
Ide, se quereis achar
Aos vossos atos perdão,
À deusa Palas⁷⁴ rogar.

Ou a Nero⁷⁵,
Esse cruel carniceiro
Do fiel povo cristão.
Aqui está Valeriano,
Vosso leal companheiro,
Buscai-o por sua mão!

DÉCIO

Esses amargos chistes⁷⁶
E agressões
Me acrescentam em paixões
E mais dores,
Com tão profundos ardores
Como de ardentes tições.

E com isto crescem mais
Os fogos em que padeço.
Acaba, que me ofereço
Em tuas mãos, Satanás,
Ao tormento que mereço.

⁷⁴ Na mitologia grega, deusa da guerra e da civilização.

⁷⁵ Imperador romano que perseguia cristãos.

⁷⁶ Gracejos, pilhérias.

AIMBIRÊ

Oh, quanto vos agradeço
Por essa boa vontade!
Eu, com liberalidade
Quero dar-lhe bom fresco
Para vossa enfermidade.

Na cova
Onde o fogo se renova
Com ardores perenais⁷⁷,
Os vossos males fatais
Aí terão grande prova
Das agruras imortais.

DÉCIO

Que fazer, Valeriano,
Bom amigo!
Testemunharás comigo
Desta pena,
Envolvido na cadeia
De fogo deste castigo.

VALERIANO

Em má hora! Já são horas...
Vamos logo
Deste fogo ao outro fogo eternal,
Lá onde a chama imortal
Nunca nos dará sossego.

AIMBIRÊ

Sus, asinha⁷⁸!
Vamos à nossa cozinha,
Saravaia!

⁷⁷ Permanentes, eternos.

⁷⁸ Sem demora; rapidamente, depressa.

SARAVIA

Aqui deles não me afasto.
Nas brasas serão bom pasto,
Maldito quem nelas caia.

DÉCIO

Aqui abrasado estou!
Assa-me, Lourenço assado!
De soberano que sou
Vejo que Deus me marcou
Por ver seu santo vingado!

AIMBIRÊ

Com efeito
Quiseste abrasar a jeito
O virtuoso São Lourenço.
Hoje te castigo e venço
E sobre as brasas te deito
Para morrer, segundo penso.

(Sufocam-nos e entregam aos quatro beleguins⁷⁹, e cada dois levam o seu.)

AIMBIRÊ

Vinde aqui
E aos malditos conduzi
Para em bom fogo queimarem,
Seus corpos sujos tostarem,
Na festa em que os seduzi
Para cozidos bailarem.

(Ficam ambos os demônios no terreiro com as coroas dos imperadores na cabeça.)

SARAVIA

Sou o grande vencedor,
O que as más cabeças quebra,

⁷⁹ Guardas-costas.



Sou um chefe de valor
E hoje me decido por
Me chamar Cururupeba.
Como eles,
Mato os que estão em pecado,
E os arrasto em minhas chamas.
Velhos, moços, jovens, damas,
Tenho sempre devorado.
De bom algoz tenho fama.

Quarto ato

Tendo o corpo de São Lourenço amortalhado e posto na tumba, entra o anjo com o Temor e o Amor de Deus a encerrar a obra, e, no fim, acompanham São Lourenço à sepultura.

ANJO

Vendo nosso Deus benigno
Vossa grande devoção
Que tendes, e com razão,
A Lourenço, o mártir digno
De toda a veneração,

Determinam, por seus rogos
E martírio singular,
A todos sempre ajudar,
Para que escapeis dos fogos
Em que os maus se hão de queimar.

Dois fogos trazia n'alma,
Com que as brasas resfriou,
E no fogo em que se assou,
Com tão gloriosa palma,
Dos tiranos triunfou.

Um fogo foi o temor
Do bravo fogo infernal,
E, como servo leal,
Por honrar a seu Senhor,
Fugiu da culpa mortal.

Outro foi o Amor fervente
De Jesus, que tanto amava,
Que muito mais se abrasava
Com esse fervor ardente
Que com fogo, em que se assava.

Estes o fizeram forte.
Com estes purificado
Como ouro refinado,
Padeceu tão crua morte
Por Jesus, seu doce amado.

Estes vos manda o Senhor
A ganhar vossa frieza,
Para que vossa alma acesa
De seu fogo gastador,
Fique cheia de pureza.

Deixai-vos deles queimar
Como o mártir São Lourenço,
E sereis um vivo incenso
Que sempre haveis de cheirar
Na corte de Deus imenso.

TEMOR DE DEUS
(Dá seu recado.)

Pecador,
Absorves com grande sabor
O pecado,
E não ficas afogado
Com teus males!

E tuas chagas mortais
Não sentes, desventurado!
O inferno
Com o seu fogo sempiterno⁸⁰,
Já te espera,
Se não segues a bandeira
Da cruz,
Sobre a qual morreu Jesus
Para que tua morte morra.

⁸⁰ Eterno, perene.

Deus te envia esta mensagem
Com amor,
A mim que sou seu Temor
Me convém
Declarar o que contém
Para que temas ao Senhor.

(Glosa⁸¹ e declaração do recado.)

Espantado estou de ver,
Pecador, teu vão sossego.
Com tais males a fazer,
Como vives sem temer
Aquele espantoso fogo?

Fogo que nunca descansa,
Mas sempre provoca a dor,
E com seu bravo furor
Dissipa toda a esperança
Ao maldito pecador.
Pecador, como te entregas
Tão sem freio ao vício extremo?
Dos vícios de que estás cheio
Engolindo tão às cegas
A culpa, com seu veneno.

Veneno de maldição
Tragas sem nenhum temor,
E sem sentir sua dor,
Deleites da carne
Absorves com grande sabor.

Será o sabor do pecado
Muito mais doce que o mel,
Mas o inferno cruel
Depois te dará um bocado

⁸¹ Nota de esclarecimento.

Bem mais amargo que o fel.

Fel beberás sem medida,
Pecador desatinado,
Tua alma em chamas ardida.
Esta será a saída
Do deleite do pecado.

Do pecado que tu amas
Lourenço tanto escapou
Que mil penas suportou,
E queimado pelas chamas,
Por não pecar, expirou.

Ele a morte não temeu.
Tu não temes o pecado
No qual te tem enforcado
Lúcifer, que te afogou,
E não ficas afogado.

Afogado pela mão
Do Diabo pereceu
Décio com Valeriano,
Infiel, cruel tirano,
No fogo que mereceu.

Tua fé merece a vida,
Mas com pecados mortais
Quase a tiveste perdida,
E teu Deus, bem sem medida,
Ofendeste, com teus males.

Com teus males e pecados,
Tua alma de Deus alheia,
Da danação na cadeia
Há de pagar com os danados
A culpa que a incendeia.

Pena sem fim te darão
Dentre os fogos infernais
Teus deleites sensuais.
Teus tormentos dobrarão,
E tuas chagas mortais.

Que mortais são tuas feridas,
Pecador. Porque não choras?
Não vês que nestas demoras,
Estão todas corrompidas,
E cada dia pioras?

Pioras e te confinias,
Mas teu perigoso estado,
Na pressa e grande cuidado
Com que ao fogo te destinas,
Não sentes, desventurado?

Oh, descuido intolerável
De tua vida!
Tua alma está confundida
No lodo,
E tu vais rindo de tudo,
Não sentes tua caída!

Oh, traidor!,
Que negas teu Criador,
Deus eterno,
Que se fez menino terno
Por salvar-te.
E tu queres condenar-te
E não temes ao inferno!

Ah, insensível!
Não calculas o terrível
Espanto, que causará
O juiz, quando virá



Com carranca muito horrível,
E à morte te entregará.

E tua alma será
Sepultada em pleno inferno,
Onde morte não terá,
Mas viva se queimará
Com seu fogo sempiterno!

Oh, perdido!
Ali serás consumido
Sem nunca te consumir.
Terás vida sem viver,
Com choro e grande gemido,
Terás morte sem morrer.

Pranto será teu sorrir,
Sede sem fim te aguarda,
Fome que em comer se gera,
Teu sono, nunca dormir,
Tudo isto já te espera.

Oh, mofino⁸²!
Pois tu verás de contínuo
Ao horrendo Lúcifer,
Sem nunca chegar a ver
Aquele molde divino
De quem tiras todo o ser.

Acaba já de temer
A Deus, que sempre te espera,
Correndo por sua esteira,
Pois não lhes vai pertencer
Se não lhe segues a bandeira.

Homem louco!
Se teu coração já toco,

⁸² Infeliz, desafortunado.

Mudar-se-ão alegrias
Em tristezas e agonias.
Olha que te falta pouco
Para fenecer teus dias.

Não peques mais contra Aquele
Que te ganhou vida e luz
Com seu martírio cruel
Bebendo vinagre e fel
No extremo lenho da cruz.

Oh, malvado!
Ele foi crucificado,
Sendo Deus, por te salvar.
Pois, que podes esperar,
Se foste tu o culpado
E não cessas de pecar?

Tu o ofendes, ele te ama.
Cegou-se por dar-te a luz.
Tu és mau, pisas a cruz
Sobre a qual morreu Jesus.

Homem cego,
Porque não comes logo
A chorar por teu pecado?
E tomar por advogado
A Lourenço que, no fogo,
Por Jesus morreu queimado?

Teme a Deus, juiz tremendo,
Que em má hora te socorra,
Em Jesus tão só vivendo,
Pois deu sua vida morrendo
Para que tua morte morra.

AMOR DE DEUS
(Dá seu recado.)

Ama a Deus, que te criou,
Homem, de Deus muito amado!
Ama com todo cuidado,
A quem primeiro te amou.

Seu próprio Filho entregou
À morte, por te salvar.
Que mais te podia dar,
Se tudo o que tem te doou?

Por mandado do Senhor,
Te disse o que tens ouvido.
Abre todo teu sentido,
Porque eu, que sou seu Amor,
Seja em ti bem imprimido.

(Glosa e declaração do recado.)

Todas as coisas criadas
Conhecem seu Criador.
Todas lhe guardam amor,
Pois Nele são conservadas,
Cada qual em seu vigor.

Pois com tanta perfeição
Sua ciência te formou
Homem capaz de razão,
De todo o teu coração
Ama a Deus, que te criou!

Se amas a criatura
Por se parecer formosa,
Ama a visão graciosa
Desta mesma formosura
Por sobre todas as coisas.

Dessa divina lindeza

Deves ser enamorado.
Seja tua alma presa
Daquela suma beleza
Homem de Deus muito amado!

Aborrece todo o mal,
Com despeito e com desdém.
E pois, que é racional,
Abraça a Deus imortal,
Todo, sumo e único bem.

Este abismo de fartura,
Que nunca será esgotado;
Esta fonte viva e pura,
Este rio de doçura,
Ama com todo cuidado.

Antes que criasse nada
Já a alta majestade
Te havia a vida gerado
E tua alma, abrasada
Com eterna caridade.
Por fazer-te todo seu
Com amor te cativou,
E, pois que tudo te deu,
Dá tu todo o amor que é teu
A quem primeiro te amou.

E deu-te alma imortal
E digna de um Deus imenso,
Para que fosses suspenso
Nele, esse bem eternal,
Que é sem fim e sem começo.

Depois, que em morte caíste
Com vida te levantou.
Porque sair não conseguiste

Da culpa em que te fundiste,
Seu próprio filho entregou.

Entregou-o por escravo,
Deixou que fosse vendido,
Para que tu, redimido
Do poder do leão bravo
Fosses sempre agradecido.

Para que não morras, morre
Com amor bem singular.
Pois, quanto deves amar
A Deus que entregar-se quer
À morte, por te salvar.

O Filho, que o Padre deu,
A seu Pai te dá por pai,
E sua graça te infundiu,
E quando na cruz morreu,
Deu-te por mãe Sua Mãe.

Deu-te fé com esperança,
E a si mesmo por manjar⁸³,
Para em si te transformar
Pela bem aventuraça.
Que mais te podia dar?

Em paga de tudo isto,
Oh, ditoso pecador,
Pede apenas teu amor.
Despreza pois todo o resto
Por ganhar a tal Senhor.

Dá tua vida pelos bens
Que Sua morte te ganhou.
És seu, nada tens de teu.

⁸³ O que serve de alimento ao homem.

Dá-Lhe tudo quanto tens,
Pois tudo o que tem te deu!

DESPEDIDA

Levantai os olhos ao céu, meus irmãos.
Vereis a Lourenço reinando com Deus,
Por vós implorando junto ao rei dos céus,
Que louvais seu nome aqui neste chão!

Daqui por diante tende grande zelo,
Que Deus seja sempre temido e amado,
E, mártir tão santo, de todos honrado.
Terei seus favores e doce desvelo.

Pois que celebrais com tal devoção
Seu claro martírio, tomai meu conselho:
Sua vida e virtudes tende por espelho,
Chamando-o sempre com grande afeição.

Tereis, por seus rogos, o santo perdão,
E sobre o inimigo perfeita vitória.
E depois da morte vós vereis na glória
A cara divina, com clara visão.
(LAUS DEO⁸⁴.)

⁸⁴ Do latim, Deus seja louvado.

Quinto ato

Dança de doze meninos, que se fez na procissão de São Lourenço.

1º) Aqui estamos jubilosos
Tua festa celebrando.
Por teus rogos desejando
Deus nos faça venturosos
Nosso coração guardando.

2º) Nós confiamos em ti
Lourenço santificado,
Que nos guardes preservados
Dos inimigos aqui.

Dos vícios já desligados
Nos pajés não crendo mais,
Em suas danças rituais,
Nem seus mágicos cuidados.

3º) Como tu, que a confiança
Em Deus tão bem resguardaste,
Que o dom de Jesus nos baste,
Pai da suprema esperança.

Que ele as almas purifique,
Com seus ares de bondade,
E que tu, com a Majestade,
Venhas e conosco fiques.

4º) Pleno do divino amor
Foi teu coração outrora.
Zela, pois, por nós agora!
Amemos nosso Criador,
Pai nosso de cada hora!

5º) Obedeceste ao Senhor,
Cumprindo sua palavra.
Vem que nossa alma escrava
De teu amor, neste dia
Te imita em sabedoria.

6º) Milagroso, tu curaste
Teus filhos tão santamente.
Suas almas estão doentes
Deste mal que abominaste,
Vem curá-los novamente!

7º) Fiel a Nosso Senhor
A morte tu suportaste.
Que a força disto nos baste
Para suportar a dor
Pelo mesmo Deus que amaste.

8º) Pelo terrível que és,
Já que os demônios te temem,
Nas ocas onde se escondem
Vem calcá-los sob os pés,
Pra que as almas não nos queimem.

9º) Hereges que este indefeso
Corpo teu no fogo assaram,
E a carne toda queimaram
Em grelhas de ferro aceso.

Choremos, do alto desejo
De Deus Padre contemplar.
Venha Ele nesta ocasião
Nossas almas inflamar.



10º) Os teus inimigos extremos
Tremem, algozes de Deus.
Vem, leva-nos como teus,
Que ao teu lado ficaremos
Assustando estes ateus.

11º) Estes que te deram morte
Ardem no fogo infernal.
Tu, na glória celestial
Gozarás divina sorte.

E contigo aprenderemos
A amar a Deus no mais fundo
Do nosso ser, e no mundo
Longa vida gozaremos.

12º) Em tuas mãos depositamos
Nosso destino também.
Em teu amor confiamos
E uns aos outros nos amamos
Para todo o sempre. Amém.

O autor
Pe. José de Anchieta



Padre José de Anchieta

O padre José de Anchieta (também conhecido como o apóstolo do Brasil) nasceu na cidade de San Cristóbal de La Laguna, Espanha, a 19 de março de 1534, e faleceu em Reritiba, cidade que hoje se chama Anchieta, Espírito Santo, Brasil, a 9 de junho de 1597.

Anchieta iniciou seus estudos em casa (era uma prática bastante comum à época), aprendendo a ler, escrever e a contar com seus familiares. Depois estudou em uma instituição religiosa (prática também bem comum à época), a escola dos dominicanos. Aos 14 anos, junto com seu irmão mais velho, foi para Coimbra e ingressou no Real Colégio das Artes, onde se dedicou ao estudo de humanidades e filosofia.

Em 1551, Anchieta entrou para o Colégio da Companhia de Jesus, iniciando sua trajetória como membro da ordem jesuíta (fundada por seu primo, Santo Inácio de Loyola). Dois anos depois, em 1553, Anchieta foi escolhido para as missões em terras brasileiras, onde fundaria, juntamente com outros religiosos, o Colégio Jesuíta.



No Brasil, o padre José de Anchieta foi, à época, um dos principais catequizadores de índios e um dos mais versados na língua tupi. É de sua autoria a primeira gramática da língua tupi-guarani da América Portuguesa, *Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*, publicada em Coimbra, em 1595.

Em 1557, Anchieta passou a administrar os Colégios Jesuítas do País, tendo que viajar para as várias províncias do Brasil. É no entanto em Reritiba (atual Anchieta) que o padre vive seus últimos dias e vem a falecer, no dia 9 de julho de 1597.

No dia 3 de abril de 2014 (417 anos após a sua morte), o papa Francisco canonizou o padre Anchieta, mudando seu *status* para **São José de Anchieta**.



Resumo da obra Auto de São Lourenço

A peça é dividida em cinco atos. O primeiro apresenta o martírio de São Lourenço, que morreu queimado em uma fogueira por ter se afirmado cristão. No segundo, o próprio Lourenço, junto com São Sebastião e o Anjo, protege a aldeia indígena, impedindo que Guaixará, rei dos diabos, a destrua com seus servos ou induza os índios ao pecado.

No terceiro ato, os servos de Guaixará, Aimbirê e Saravaia, torturam os imperadores Décio e Valeriano, responsáveis pela morte de São Lourenço. No quarto ato, o Temor e o Amor de Deus trazem um recado para os índios, falando-lhes da importância de amar a Deus por todos os benefícios feitos em favor do povo da aldeia. No quinto e último ato, encerra-se a obra com uma dança de doze crianças na procissão de São Lourenço.

Contexto histórico em que a obra foi produzida

A obra de **José de Anchieta** é produzida no período do **Brasil colonial**, em meados do **século XVI**, quando os portugueses se destacavam como potência mundial no período histórico das **grandes navegações** e tinham acabado de “descobrir” as novas terras das Índias ocidentais. Nessa época, o Brasil era um local bem diferente da metrópole portuguesa, e era preciso ocupar o território brasileiro para garantir o domínio das suas terras. O país estava ainda se formando, e o seu território foi dividido em **capitanias hereditárias**, tendo como principais riquezas o pau-brasil e a cana-de-açúcar.

O processo de **colonização no Brasil** foi baseado no **sistema de exploração**, focado nos interesses da metrópole e dos monarcas portugueses. O principal objetivo era extrair riquezas daqui para serem repassadas à metrópole. Tudo isso foi severamente imposto, não havia acordos, exigia-se total submissão da colônia brasileira à metrópole portuguesa.

As terras brasileiras pertenciam a Portugal, que se utilizava delas em proveito próprio. Como primeira ação para ocupação e estabelecimento do governo em terras brasileiras, foi criado o

sistema de **concessão temporária de terras a alguns europeus**, que deveriam explorar as riquezas de tal lugar e repassá-las à metrópole. Essa organização ficou conhecida como sistema de capitanias hereditárias, que garantia a posse e o domínio das terras aos colonizadores.

O **Brasil**, no entanto, quando os portugueses aqui chegaram, **era habitado por povos indígenas**, que tinham outros modos de vida, desconhecidos e bem diferentes dos do europeu. O ambiente também era bastante diferente: a fauna e a flora eram riquíssimas e o agradável e produtivo clima tropical os deixou maravilhados pelo lugar.

A forma de viver dos nativos também causou grande estranhamento aos portugueses: o fato de eles andarem nus, de cultuarem vários deuses e de alguns grupos indígenas praticarem a poligamia (casamento com várias pessoas ao mesmo tempo) ia contra os princípios religiosos do povo português,



Fundação da cidade de São Paulo, em 25 de janeiro de 1554. Pintura de Antônio Parreiras, 1913.

mente ligado às convicções católicas, despertando neles grande espanto e assombro. E, por não entenderem ou não aceitarem esse modo de vida, passaram a combatê-lo.

A maioria dos europeus considerou que os povos indígenas que aqui estavam e viviam de tal forma eram primitivos, irracionais e “sem alma”. Eram, também, “atrasados” e viviam sem normas sociais e sem religião. Para que se tornassem “**civilizados**”, necessitariam conhecer a **Deus**, **abandonar as práticas pagãs**, salvando as suas almas e aceitando as doutrinas do cristianismo proposto pela Igreja Católica.

Dessa forma, junto com esses “governantes”, conhecidos como **donatários**, os donos das capitanias hereditárias, os europeus, enviaram também religiosos de várias ordens (com destaque para os jesuítas) para iniciar o processo de **catequese** e **doutrinação** dos índios, visando “civilizá-los” por meio da formação cristã. O que os jesuítas fizeram, na verdade, foi iniciar um processo de **aculturação** com os povos nativos. Nesse



Brasão da ordem dos Jesuítas.

processo, outra cultura é imposta, fazendo com que as pessoas em questão passem a viver de acordo com essa nova cultura.

A ocupação das terras brasileiras pelos portugueses, no início, foi marcada por esse choque de realidade: os colonizadores se depararam com uma situação e estilo de vida muito diferentes do que eles estavam acostumados, mas precisavam ocupar e defender as novas terras a todo custo.

Assim, tentava-se convencer os índios a abandonarem por completo suas antigas práticas de rituais religiosos, crenças, danças, pinturas e hábitos para que alcançassem o perdão e a salvação de suas almas através da fé católica. Tudo o quanto eles faziam relativo à própria cultura era considerado abominável pelos jesuítas. Tais considerações e mudanças alteraram profundamente a realidade da época.

O Pe. José de Anchieta foi um dos jesuítas que foram enviados ao Brasil para catequizar e converter os índios. Estavam, também, no país, alguns colonos portugueses, responsáveis por cuidar das capitânicas. Mas o grande foco de evangelização era, de fato, o índio. Assim, através da catequese, fazia-os acreditar que seus costumes e cultura eram de “pecadores”, **convencendo-os** por meio da doutrinação e de ensinamentos didáticos dos dogmas e das doutrinas da Igreja, para que se convertessem à fé católica.

Período colonial

- Processo de colonização e exploração no Brasil;
- Presença dos povos indígenas em terras brasileiras;
- Presença da Companhia de Jesus no Brasil – Padre José de Anchieta;
- Catequização dos índios.

O primeiro momento da literatura feita em terras brasileiras reflete exatamente esse panorama histórico acima descrito. Chama-se esse primeiro momento de **Quinhentismo**.

O Quinhentismo

O Quinhentismo é a **primeira manifestação literária no Brasil**, mas ainda não pode ser chamado de literatura brasileira. Vejamos por quê:

1 - A colonização do Brasil por Portugal se deu pela imposição de uma cultura sobre a outra, ou seja, a cultura portuguesa foi sendo aos poucos assimilada pelos indígenas. Esse processo de aportuguesamento cultural se deu principalmente pela substituição das línguas nativas pela língua portuguesa, amplamente ensinada pelos jesuítas.

2 - Junto com a língua portuguesa, foram transmitidas também as formas literárias portuguesas, tradicionais, que se tornaram a forma literária do Brasil dos anos 1500.

Assim, para entender a literatura quinhentista brasileira, teremos que falar rapidamente da literatura portuguesa quinhentista, que se manifestava principalmente pelo **Humanismo** e o **Classicismo português**.



As literaturas portuguesas

Trovadorismo

A literatura portuguesa nasceu nos séculos XII e XIII, quando o português se estruturou como língua escrita e quando Portugal se estruturava como nação.

Suas **formas textuais** eram compostas de **canções** ou **cantigas breves, recitadas e cantadas** por **trovadores** (poetas) e **segréis** (instrumentistas). A esse período chamaremos trovadorismo. A essas cantigas, chamaremos **cantiga de amor** e **cantiga de amigo** (gênero lírico) e **cantiga satírica** (gênero satírico).

As **cantigas de amor** se caracterizavam por serem cantos nos quais uma voz masculina cantava os atributos de beleza e moral de uma senhora (a “minha senhor”) e seu sofrimento por não conseguir provar ou expressar seu amor. Também se caracteriza pela indiferença que a mulher demonstra com relação ao poeta.

Cantiga de amor

- Retrata a mulher como moralmente superior ao homem;
- Retrata o desprezo da mulher pelo homem apaixonado;
- Retrata a dor desse desprezo;
- O poeta tem sempre o sentimento de respeito à mulher;
- Voz masculina canta a beleza e a qualidade moral da mulher.



A **cantiga de amigo** se assemelha à cantiga de amor, se diferenciando por adotar o ponto de vista feminino. Assim, o poeta, em seu **eu lírico feminino**, narra as dores causadas pelo seu namorado, que indiferente a faz sofrer. Os cantos em grande parte se referem à alegria pela chegada do seu amigo, à tristeza ou à saudade pela sua partida, à raiva pelos seus enganos. É comum nessas cantigas a narração do contato verbal ou mesmo físico entre os namorados, tendo em vista a mulher não pertencer à corte e não se sentir moralmente obrigada à castidade.

As canções são geralmente dirigidas a outras pessoas — uma amiga, a mãe etc. — ou a elementos da natureza — mar, uma flor, uma planta etc.

Cantiga de amigo

- Assemelha-se à cantiga de amor;
- Ponto de vista feminino;
- Narra as alegrias ou dores e as saudades do amor da mulher, com relação ao namorado;
- Há a presença do contato verbal e físico entre os namorados;
- São compostas em forma de confidência a uma pessoa ou elemento da natureza.



As **cantigas satíricas**, também chamadas **cantigas de escárnio e maldizer**, são as cantigas feitas para falar mal de algo ou alguém. Sua temática é bastante variada, “homenageando” personagens e acontecimentos diversos, em áreas que vão dos comportamentos quotidianos (sexuais, morais) aos temas políticos.

Temas das cantigas satíricas:

- O comportamento duvidoso de algumas mulheres;
- Relações amorosas escandalosas entre nobres e plebeias;
- Comportamentos reprováveis (ambição, esperteza etc.);
- Mentiras e enganos do amor.



Cantiga da Ribeirinha

No mundo non me sei pareiha,
Mentre me for como me vai,
Ca já moiro por vós – e ai!
Mia senhor branca e vermelha,
Queredes que vos retraia
Quando vos eu vi em saia!
Mau dia me levantei,
Que vos enton non vi fea!
E mia senhor, dês aquel di', ai!
Me foi a mim mui mal,
E vós, filha de don Paai
Moniz, e bem vos semelha
D'haver eu por vós guarvaia,
Pois, eu, mia senhor, d'alfaia
Nunca de vós houve nen hei
Valia d'ua Correa.

Não conheço no mundo quem se assemelhe
A mim, enquanto eu viver assim,
Pois – ai! – eu morro por ti,
Pálida senhora de face vermelha,
Queres que eu retrate a ti
No momento em que, sem manto, te vi!
Infeliz o dia em que acordei,
E então não te vi feia!
E, minha senhora, desde aquele dia, ai!
Tudo pra mim vai mal,
E tu, de quem Dom Paio Moniz é pai,
Tens a impressão, me parece,
Que possuo roupa luxuosa para ti,
Pois, eu, minha senhora, de presente
Nunca tive de ti nem terei
O mimo de uma correia¹.

¹ Coisa sem valor.

Principais características das cantigas:

- Em português antigo (língua galega);
- Eram de tradição oral, pois eram cantadas ou recitadas;
- Eram feitas para ter acompanhamento de algum instrumento musical;
- Eram recitadas individualmente (segréis e menestréis) ou em grupo (jogral);
- Classificavam-se de cantigas de amor e de amigo (gênero lírico) e cantiga satírica.

Humanismo e classicismo

Após o período do Trovadorismo, seguiram-se os períodos literários portugueses que são comumente chamados **Humanismo** e **Classicismo**. Esses períodos apresentam como contexto histórico:

- Período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna (a economia deixava de se basear na produção feudal e começava a se concentrar no comércio das cidades);
- Crise econômica e social, devido às mudanças promovidas pela chegada da Idade Moderna;
- Crise do pensamento religioso medieval, que aos poucos cedia lugar ao pensamento antropocêntrico, que valorizava a ciência e o homem como centro do mundo;
- Surgimento dos ideais protestantes, que colocavam em xeque os valores católicos e dogmáticos;
- Grandes navegações (que proporcionaram a Portugal chegar ao Brasil);
- Surgimento da imprensa.

Suas principais características são:

- Surgimento de uma linguagem propriamente literária, desvinculada da música (como se observa no Trovadorismo);
- Presença de temáticas religiosas e humanistas (influência do pensamento medieval e do pensamento humanista que surgia);

– Definição de gêneros literários como: poesia lírica, poesia épica, texto em prosa e teatro.

Com relação às temáticas, destacam-se:

- Textos de relatos históricos;
- Relatos de viagens, com descrições de lugares, povos, culturas etc.
- Novelas e narrativas **heroicas** (em prosa e em verso);
- Temas místicos e religiosos;
- Temas sociais, abordados de forma satirizada.

Autores destacados do Quinhentismo português

Gil Vicente – Autor teatral dos mais importantes de toda a literatura portuguesa. Sua obra aborda os aspectos da sociedade à época e falava sobre religião, amor, relações sociais, em grande parte utilizando-se de um tom satírico.



Camões – Um dos mais conhecidos poetas de toda a literatura de língua portuguesa. Seu poema mais famoso é *Os lusíadas*, em que narra simbolicamente os feitos **heroicos** do povo português.

wikipedia.org



Camões na prisão de Goa, Moreaux.

Os lusíadas (trecho)

Canto I

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram.

Novo Reino, que tanto sublimaram;
E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valorosos
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

Quinhentismo brasileiro

O quinhentismo no Brasil cultivou os gêneros:

Literatura informativa:

– Por todo o século XVI, a literatura informativa esteve muito presente nos textos produzidos em terras brasileiras, nas formas de relatórios, cartas, tratados, diários etc. Isso porque havia uma necessidade de a Coroa portuguesa conhecer suas novas terras.

Literatura de catequese

A literatura de catequese também foi muito cultivada em terras brasileiras nesse período, devido à visão colonizadora portuguesa que visava impor a língua e a cultura de Portugal aos nativos. Suas características são:

– Textos que se destinavam a “ensinar” aos indígenas os modos e a cultura **européia**, baseados principalmente nos princípios da Igreja Católica.

– Grande parte dos textos desse gênero é em forma de teatro, seguindo a tradição literária portuguesa medieval. Isso facilitava a transmissão das informações aos gentios (nativos).

– Os textos dramáticos desse gênero abordavam geralmente as festas e principais celebrações católicas, como Páscoa, Natal, Dia de Reis etc. A esses textos chamamos “auto”.

– Os grandes cultivadores desse gênero no Brasil quinhentista foram os jesuítas.

– Procurando se aproximar mais dos gentios, os jesuítas incorporaram parte das tradições dos indígenas brasileiros, adequando-as à cultura católica.

– Usaram-se nos autos músicas e danças típicas, com o objetivo de facilitar o ensino das tradições católicas aos indígenas.

– Os gêneros cultivados na literatura de catequese são: poemas, autos, e outros, como gramática e mesmo tratados de fatos históricos brasileiros.

Quanto às temáticas, podemos observar nos quinhentistas:

Texto descritivo, com informações sobre fauna, flora, pessoas, traços culturais, paisagens, espécies animais, clima etc. da nova terra;

Textos fantasiosos, que geralmente descreviam os fatos com inserção de elementos fantásticos e mágicos, provenientes do imaginário medieval europeu;

Tentativa de dar **caráter científico às descrições**, apesar de os textos serem recheados de elementos imaginários;

Abordagem segundo a **percepção cristã**, geralmente taxando os hábitos e a cultura indígena de pecaminosas.

Principais autores do Quinhentismo brasileiro

Pero Vaz de Caminha

Um dos primeiros documentos que descreve as terras brasileiras é a *Carta a El-Rei D. Manuel*, de autoria do escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral. Nele, encontramos todas as características da literatura informativa quinhentista praticada no Brasil.



Pero Vaz de Caminha lê para o comandante Pedro Álvares Cabral, o Frei Henrique de Coimbra e o mestre João a carta que será enviada ao rei D. Manuel I.

Carta a El-Rei D. Manuel

Pero Vaz de Caminha
(trecho)

Senhor, posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que, para o bem contar e falar, o saiba pior que todos fazer!

Todavia, tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza — porque o não saberei fazer — e os pilotos devem ter este cuidado. E, portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

E digo que: A partida de Belém foi — como Vossa Alteza sabe, segunda-feira, 9 de março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária.

E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para poder ser!

Fez o capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais! E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha — segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas — os quais eram muita quantidade de ervas

compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! (...)

Portanto, Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim.

(...)

Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém, um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata.(...)

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios por essas árvores, deles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá muitos nesta terra. Porém, eu não veria mais que até nove ou dez. Outras aves então não vimos, somente algumas pombas-seixas, e pareceram-me bastante maiores que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas; eu não as vi. Mas, segundo os arvoredos são muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!

Pero de Magalhães Gândavo

Sua importância no Quinhentismo brasileiro se dá pelas obras *Tratado da terra do Brasil* e *História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*.

Aervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Espantados com animais que nunca haviam visto, os europeus relataram a existência de seres fantásticos, como este peixe com tronco humano descrito pelo português Pero de Magalhães Gândavo.

Padre Manuel da Nóbrega

Deixou muitos textos descritivos do Brasil, inclusive narrativas de fatos históricos, como a tentativa dos franceses de invadir as terras brasileiras. Destaque em sua obra para Diálogo sobre a conversão do gentio, de 1557, que pode ser incluída também na literatura de catequese.

		Características	Temática	Principais Autores
Quinhentismo no Brasil	Literatura informativa	<ul style="list-style-type: none">- Texto descritivo;- Presença de elementos fantasiosos e fantásticos na descrição dos fatos;- Tentativa de descrição científica dos fatos.	Fauna, flora, pessoas, traços culturais, paisagens, espécies animais, clima etc.	Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo, Padre Manuel da Nóbrega.
	Literatura de catequese	<ul style="list-style-type: none">- Texto de caráter educativo;- Texto geralmente em forma de teatro;- Cultivado especialmente pelos jesuítas;- Incorporação dos temas indígenas à cultura católica;- Usa música e danças típicas- Escritos geralmente em forma de poemas e autos.	Festas, celebrações católicas, cultura católica e indígena e em geral.	Padre Manuel da Nóbrega, Padre José de Anchieta.



Reprodução da obra Estácio de Sá em
São Vicente, Benedito Calixto.



Importância do livro Auto de São Lourenço

O livro *Auto de São Lourenço* é, como o próprio nome diz, um auto. O auto é um tipo de peça teatral destinada a “instruir”, a “ensinar” algo ao público (no caso de Anchieta, ensinar os preceitos católicos aos indígenas).

O *Auto de São Lourenço* faz parte da literatura de catequese do Quinhentismo brasileiro. Com seus autos, Anchieta consegue cumprir com êxito sua missão catequética, pois, diferente dos sermões, que costumavam ser longos e cansativos, a linguagem cênica tem maior alcance por ser mais leve e divertida, agradando facilmente ao público ouvinte.

O religioso conseguiu unir, em suas peças, elementos que faziam parte da cultura indígena, como festas, danças, músicas e representações, aos elementos didáticos de seu interesse, no caso, a moral, as doutrinas e dogmas dos católicos. Assim, conseguia doutrinar os nativos enquanto eles se divertiam com as peças.

Muitos estudiosos questionam o valor literário das obras quinhentistas brasileiras, por elas terem um objetivo mais “educativo” do que propriamente artístico. É inegável, no entanto, sua importância histórica para a Literatura brasileira, pois refletem um primeiro momento de formação cultural do País.

Análise crítica

Para maior compreensão do *Auto de São Lourenço*, deve-se considerar o contexto de produção e os fins didáticos nos quais esta obra está inserida. É importante recordar que Pe. José de Anchieta foi um jesuíta que se utilizava das artes cênicas e da literatura para alcançar seus objetivos: catequizar e doutrinar os indígenas.

A história do martírio de São Lourenço é utilizada como pano de fundo nesta obra, que demonstra seu caráter didático em evangelizar e converter os indígenas. Sob uma visão **maniqueísta**, que considera que há uma dualidade entre o bem e o mal, o religioso tenta conscientizá-los da importância de se manter na fé católica.

Anchieta obteve sucesso em sua missão religiosa por saber se utilizar tão bem de elementos relevantes para os índios, buscando envolver aspectos de suas culturas a fim de aproximá-los do conteúdo religioso apresentado. Um dos fatores que contribuíram para tamanho êxito foi o fato de o religioso escrever autos em várias línguas. Além de escrever em espanhol, seu idioma de origem, ele também escrevia em português e em tupi, o que facilitava a compreensão da mensagem ali transmitida.

Quanto ao gênero, percebemos que, apesar de ser uma peça de teatro, o texto está escrito em versos e não em prosa, como seria o esperado. Tal característica se justificaria pelo fato de que o teatro de Anchieta era, por vezes, cantado. Assim, a escrita em versos facilitaria nesse processo. Quanto à estrutura, a peça é dividida em atos, possui a descrição de fala de cada personagem e algumas rubricas (pequeno texto que instrui sobre a ação dos artistas, ambientação, cenário, entre outros).

Em *Auto de São Lourenço*, percebemos que as rubricas são indicações simples, basicamente focadas na ação dos personagens, como devem representar e que emoção demonstrar ao longo dos atos. No teatro contemporâneo, é possível perceber que as indicações são em maior quantidade e mais precisas, dada a maior elaboração do gênero. Há informações sobre o ambiente, iluminação, disposição de objetos na cena, ordem de entrada dos personagens, entre outros.

Trechos comentados

GUAIXARÁ:

“Boa medida é beber

Cauim até vomitar.

Isto é jeito de gozar

A vida, e se recomenda

A quem queira aproveitar.

A moçada beberrona

Trago bem conceituada.

Valente é o que se embriaga

E todo o cauim entorna,

E à luta então se consagra.

Que bom costume é bailar!

Adornar-se, andar pintado,

Tingir pernas, empenado,

Fumar e curandear,

Andar de negro pintado.” (p.10)

– Percebemos neste trecho o caráter doutrinário da obra. O rei dos diabos exalta certos costumes dos índios que, uma vez sendo representados pelo diabo, não podem ter bons hábitos, pois o que é bom aos olhos do diabo não será bom aos olhos de Deus (maniqueísmo).

– Percebemos também o olhar de Anchieta (o olhar do colonizador) com relação aos hábitos dos indígenas exaltados na fala de Guaixará, como, por exemplo, beber cauim, se pintar, adornar-se, curandear e bailar. Tais práticas eram repreendidas pelos jesuítas, que objetivavam incentivar a conversão ao cristianismo e o abandono dessas práticas ditas pagãs.

ANJO:

“Tentai

Velhos vícios extirpar,

E as maldades cá da terra

Evitai, bebida e guerra,

Adultério, repudiai

Tudo o que o instinto encerra.

Amai vosso criador

Cuja lei pura e isenta

São Lourenço representa.

Engrandecei ao Senhor

Que de bens vos acrescenta.” (p.39)

– Neste trecho, apresentam-se mais conselhos e princípios doutrinários. Em “evitai bebida e guerra”, Anchieta se refere às bebidas preparadas pelos índios, pois algumas misturas de ervas funcionavam como alucinógeno. Quanto à guerra, segundo os historiadores, os povos indígenas não viviam pacificamente, algumas etnias viviam em constantes conflitos.

– Ao sugerir “adultério repudiai”, Anchieta trata da questão da poligamia praticada por alguns povos e considerada como adultério para os europeus, que se baseavam na fé cristã.

– O texto sugere a mensagem de que é preciso amar vosso criador, cuja lei é pura e isenta, o que remete, mais uma vez, à visão maniqueísta do escritor.

AMOR DE DEUS:

“Ama a Deus, que te criou
Homem, de Deus muito amado!
Ama com todo o cuidado,
A quem primeiro te amou.

Seu próprio Filho entregou
À morte, por te salvar.
Que mais te podia dar,
Se tudo o que tem te doou?” (p.71)

– Percebemos mais ensinamentos doutrinários nesse trecho. Anchieta busca mostrar aos indígenas a importância de amar a Deus, que os criou e os amou primeiro, já que Ele é o criador de todas as coisas.

– Anchieta tenta convencê-los de que não há outra forma de seguir no bom caminho e ser salvo senão amar a Deus. Isso é comprovado já a partir da referência do personagem que afirma isso, o Amor de Deus.

ANJO:

“Quantas maldades fizeste!
Por isso o fogo te espera.
Viverás do que tramaste
Nesta abrasada tapera
Em que pro fim te pilhaste.” (p.35)

– Percebemos na fala do Anjo a transmissão da doutrina cristã, ao repreender Saravaia, um dos servos do rei dos diabos, por suas maldades. Anchieta deixa clara a **ideia** de que quem não obedece às leis de Deus e realiza coisas más terá, por fim, o seu castigo, que será de acordo com seus atos.

– Fica também a mensagem de que o bem sempre vencerá o mal, pois, na peça, o Anjo, São Lourenço e São Sebastião (que representam o bem) conseguem, durante a luta, prender os demônios (representantes do mal).

ANJO:

“Alegrai-vos, filhos meus,
Na santa graça de Deus,
Pois que dos céus eu desci,
Para junto a vós estar
E sempre vos amparar
Dos males que há por aqui. (...)
Pois a isto me nomeia Deus,
Nosso Senhor e Rei!” (p.36 - 38)

– Neste trecho, demonstra-se a benevolência de Deus em proteger os seus seguidores. Deus manda que os anjos protejam o seu povo, não os deixando desamparados. Mais uma vez, o caráter doutrinário do texto se apresenta aqui, onde o religioso busca envolver o ouvinte no seu discurso para que creiam e confiem em Deus.

“Quando o demônio ameaçar
Vossas almas, vós vereis
Com que força hão de zelar.
Santos e índios sereis
Pessoas de um mesmo lar.” (p. 39)

– Nesse trecho, percebemos como Anchieta busca aproximar os indígenas da história que está sendo contada. Além de envolver referências a sua cultura e seus costumes e da presença de personagens índios ao longo da obra, o jesuíta busca mostrar uma referência direta dos índios com os santos, em uma relação de igualdade perante Deus.

– Ao afirmar que “santos e índios sereis pessoas de um mesmo lar”, Anchieta coloca os santos e os índios numa mesma condição: a de filhos de Deus e, portanto, protegidos, zelados pelos anjos e santos do céu. Pretende-se com isso sensibilizar os índios, fazendo-os refletir sobre tal proteção e cuidado para com eles e com o seu povo, de um modo geral.

TEMOR DE DEUS:

“Será o sabor do pecado
Muito mais doce que o mel,
Mas o inferno cruel
Depois te dará um bocado
Bem mais amargo que o fel.

Fel beberás sem medida,
Pecador desatinado,
Tua alma em chamas ardida.
Esta será a saída
Do deleite do pecado.” (p.65 - 66)

– Há, neste trecho, outro princípio cristão, o de educar através de imagens ou referências ao sofrimento eterno, doutrinando através do medo. O recado é um alerta sobre as **consequências** sofridas por quem vive em pecado.

– Anchieta apresenta os dissabores do temido inferno. As imagens sugeridas no texto (inferno cruel; amargo; como fel; fel beberás sem medida; alma em chamas ardida) formulam a **ideia** de sofrimento, de algo ruim, de horror, difícil de enfrentar. Através dessas imagens, ele constrói ideologicamente a **ideia** de inferno. O melhor a ser feito é evitá-lo, entregando a alma a Deus e fazendo boas ações, evitando o pecado.

AMOR DE DEUS:

“Levantai os olhos ao céu, meus irmãos.
Vereis a Lourenço reinando com Deus,
Por vós implorando junto ao rei dos céus,
Que louvais seu nome aqui neste chão!” (p.74)

– Neste trecho, percebemos a referência ao ato de interceder dos santos (Lourenço reinando com Deus) e o apelo aos índios, para que continuem a louvar o nome do Senhor aqui na terra. Mais uma vez, Anchieta une as doutrinas com a linguagem leve e enfática, chamando a atenção para a importância de se seguirem o bem e as doutrinas de Deus.

Também São Sebastião
Valente santo soldado,
Que aos tamoios rebelados
Deu outrora uma lição
Hoje está do vosso lado.

E mais – Paranapecu
Jacutinga, Morói,
Serigueia, Guiriri,
Pindoba, Pariguaçu,
Curuça, Miapéi. (p.38)

– Neste trecho, Anchieta nomeia os povos indígenas, chamando cada povo pelos seus devidos nomes. É evidente a necessidade de tal nomeação, para que se possa ter a **ideia** de aproximação entre a doutrina catequética e os ouvintes, facilitando o processo. Perceba os nomes indígenas destacados em uma estrofe.

1º) Aqui estamos jubilosos
Tua festa celebrando.
Por teus rogos desejando
Deus nos faça venturosos
Nosso coração guardando.

2º) Nós confiamos em ti
Lourenço santificado,
Que nos guardes preservados
Dos inimigos aqui. (p.75)

– Neste trecho, no quinto ato, já no final do livro, aparecem alguns índios cantando e celebrando a festa de São Lourenço. Observe a abordagem de Anchieta, como a temática permeia todo o texto e se evidencia com maior ênfase no final da peça.

– Na literatura de catequese é comum a presença de temas como festas e celebrações religiosas, de caráter catequético e doutrinário. A história do santo permeia toda a peça e ao final, seu martírio é reconhecido e ele é cultuado.